



Imagem 134: Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Itapicuru – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

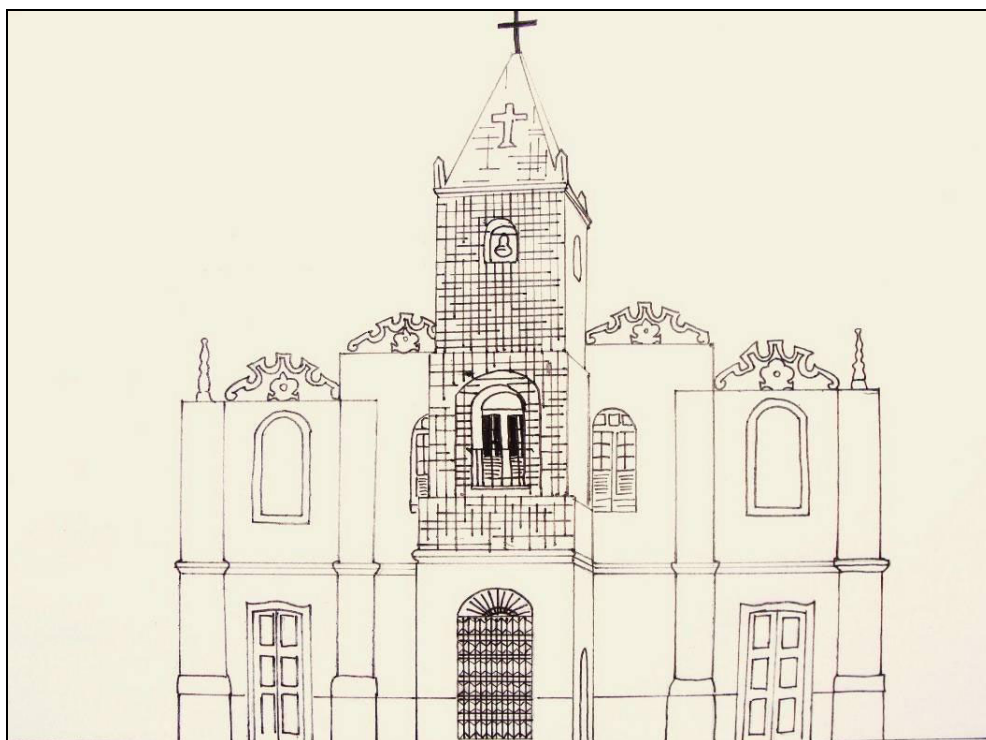


Imagem 135: Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Itapicuru – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2010.

## 6.4 RIBEIRA DO AMPARO

Nas inúmeras andanças do Beato Antônio Conselheiro, pelo norte e nordeste da Bahia, outro ponto de parada, onde ele edificou obras, foi em Ribeira do Amparo. Essa pequena cidade teve origem do povoado denominado de Ribeira do Pau Grande. No final do oitocentos, este município chamar-se-ia Vila do Amparo, e em meados do século vinte ganhou emancipação política onde passou a ser conhecido por Ribeira do Amparo.

O topônimo atual da cidade está relacionado a muitas histórias. O nome Ribeira é uma referência à Ribeira do Pombal, município ao qual pertencia, sendo que suas memórias passam diretamente pela história dessa comunidade. Já o segundo nome é uma espécie de reverência ao orago da antiga capela que ali existia: Nossa Senhora do Amparo.

A formação da antiga vila se originou da formação de uma aldeia de índios quiriri ou cariri, também conhecidos como Kiriri. Todavia, devido ao fato de existir na localidade uma aldeia indígena, na gênese da sua colonização, foi edificado uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Amparo, com a finalidade de catequese, atraindo, posteriormente, inúmeras famílias de áreas próximas.

Em 1848 nasceu a Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Ribeira do Amparo. Naquela época, conforme pesquisas de historiadores, a capela era chamada de capela de "Nossa Senhora do Amparo" de "Ribeira do Pau Grande", naquele mesmo ano Ribeira foi elevada a categoria de freguesia pela Lei Provincial Nº 294, de 9 de maio de 1848. Este templo de louvor foi construído com a intenção de catequizar os índios que viviam na região e pertencia a aldeia "Kiriris". Em Ribeira do Amparo não encontramos mais povos que se identificam como índios, porém ainda é possível em Banzaê encontrarmos índios dessa aldeia. Quando criada a Paróquia do Amparo tivemos como nosso primeiro pároco o famoso Pe. Mendonça, este foi o primeiro padre que Ribeira teve com a intenção de estabelecer residência em Ribeira do Amparo e transformar essa paróquia em independente e auto-sustentável. Em 1848, a capela de "NOSSA SENHORA DO AMPARO DE RIBEIRA DO PAO GRANDE", pertencente ao município de Pombal, foi elevada à categoria de freguesia pela Lei Provincial Nº 294, de 9 de maio. Posteriormente, o Ato estadual de 31 de outubro de 1890 elevou essa freguesia à vila, criando o município de RIBEIRA DO AMPARO". Posteriormente, em 1956, passamos a pertencer a Cipó, assim como Heliópolis. Para, finalmente, alcançarmos a nossa emancipação em 14 de agosto de 1958. (REIS, 1993. s/p).

Sobre a presença de Antônio Conselheiro em Ribeira do Amparo erigindo obras tem-se notícias emitidas pelos jornais baianos datados de 1893. Segundo noticiou Calasans (1997, p.68), um tal José Maximiniano, que no final do século dezenove andou pelos sertões, procurou conhecer os trabalhos efetuados por Antônio Conselheiro, de quem fazia

lisonjeiro conceito. Ainda de acordo com o autor, esse mesmo José Maximiniano se dirigiu, certa feita, a um jornal da Bahia, o *Jornal de Notícias*, onde afirmou que o beato, por esses longínquos rincões, só havia feito benefícios, levantando templos e cemitérios dos quais conhecia muitos, sendo um templo no Bom Jesus, outro no Mocambo, outro na Rainha dos Anjos e o cemitério de Ribeira do Amparo.

No concernente à presença do profeta Conselheiro, nessa localidade, existem dúvidas acerca do início e do término de suas duas obras aí executadas: a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o cemitério local.

Acredita-se na possibilidade delas terem sido iniciadas e terminadas no período compreendido entre 1878 à 1880. Por não existirem datas fixadas sobre esse evento, buscou-se então na própria obra, a resposta para tal questão, sendo, todavia, a capela aí erguida, a anunciadora do período citado.

A capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma edificação da lavra do Conselheiro, ainda não foi estudada, nem tampouco catalogada como um exemplar erguido pelo beato.

José Calasans que na sua *Cartografia de Canudos* apresenta de forma bastante sumária uma relação das construções do profeta, sequer faz menção a esse achado; como também não menciona outras construções desse naipe tais como: Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó, Capela da Santa Cruz do Cemitério de Cícero Dantas etc.

O achado desse “joia” foi motivo de muitas surpresas, pois jamais se imaginou que hovesse outra construção do beato, nessa cidade, além do cemitério local, já tantas vezes comentado. Julgamos ser a obra da capela anterior ao cemitério e, inclusive, anterior às edificações do beato que apresentam os cruzeiros do “tipo palanque”.

Entendemos, também, que esse é o exemplar primevo. Foi a partir de Ribeira do Amparo que outros tipos de cruzeiros cercados se formaram, tornando-se conhecidos, por ordem cronológica, os seguintes: o de Chorrochó, o de Crisópolis e o do Belo Monte. Cabe relatar que, enquanto esses três estão alinhados às igrejas, o de Ribeira do Amparo está alinhado a uma capela.

A pequena capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro comunica inúmeros elementos de construção recorrentes na gramática conselheirita. A sua estrutura apresenta

paredes grossas e pesadas. A planta é simples; contém uma única nave sem nenhum vão de abertura nas laterais e três vãos frontais em arcos ogivais.

Nessa construção já notamos uma tendência à hibridização. Nela, percebe-se a presença de volutas em “s” e motivos fitomorficos comuns no barroco e os arcos ogivais recorrentes no neogótico, bem como a utilização de pináculos ladeando o frontão (Imagem 136).

Os coruchéus em forma de cone são marcados por anéis no seu terço inferior e são feitos de uma maneira mais livre, como se esculpidos à mão livre. No frontão, as volutas tocam-se no topo formando uma espécie de monograma, cuja letra inicial é o “A de Antônio” ou o “M de Maciel”, prática recorrente em obras posteriores.



Imagem 136: Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Ribeira do Amparo – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.

O cruzeiro é, dos exemplares em coreto, o mais simplificado. Apresenta quatro pequenas colunas, uma base circular com camadas sobrepostas, sem nenhum ornamento, e escadaria com cinco degraus. Dessa forma, julgamos que ele evoluiria, culminando, todavia, nas tipologias já citadas (Imagem 137).



Imagem 137: Capela e cruzeiro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Ribeira do Amparo – BA.  
Fonte: Jadilson Pimentel, 2011.

Já o cemitério, erguido nos fundos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo, difere estilisticamente dos demais. Pode-se inferir que sua construção tenha se dado num momento posterior ao da capela, pois o repertório ornamental aí empregado, constitui-se como um dos mais avançados e complexos dentre os do beato.

A estrutura desse monumento arquitetônico demonstra mais leveza, e apresenta um frontispício mais alongado e mais dinâmico. Nele, nota-se um vão de abertura que se alterna entre um arco pleno interrompido e linhas entrecortadas. Também evidenciamos um desenho que lembra um arco do triunfo; sobre a cornija notam-se cinco retângulos que nos remetem às métopas e aos triglifos dos templos clássicos. Já as volutas, que se formam a partir de ramicelos, têm seu ponto de chegada no topo do frontão, sendo este coroado por uma palma invertida e um globo encimado por cruz (Imagem 138 e 139).



Imagem 138: Cemitério de Ribeira do Amparo – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.



Imagem 139: Cemitério de Ribeira do Amparo – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



### 6.5 OLINDINA (MUCAMBO)

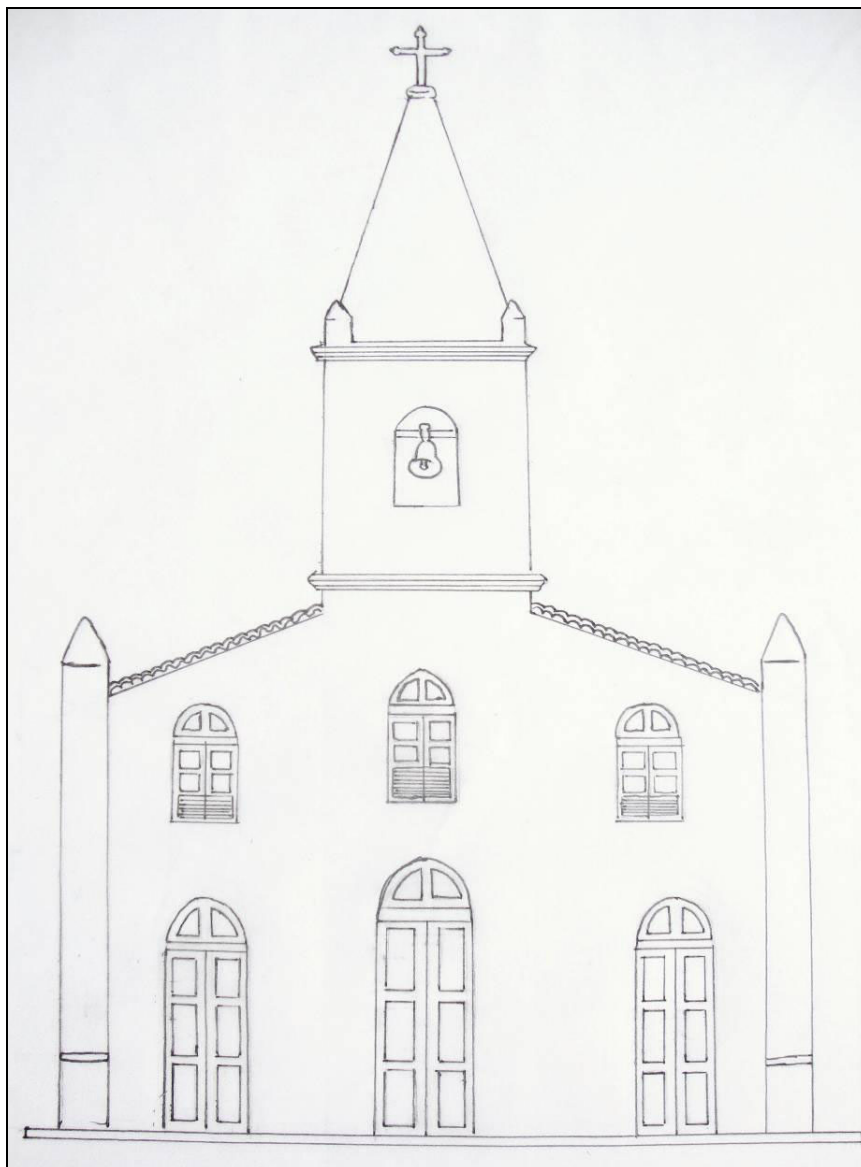


Imagem 140: Igreja de São João Batista, Olindina – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.

A cidade de Olindina, cujo nome no passado foi Mucambo, também ficou conhecida como Nova Olinda. Faz fronteira com Itapicuru, Aporá, Inhambupe, Nova Soure, Satiro Dias e Crisópolis; áreas de abrangência das pregações de Antônio Vicente Mendes Maciel.

No ano 1882, quando de passagem pela freguesia do Itapicuru, do qual Olindina fazia parte à época, o líder Antonio Conselheiro, construiu uma capela sob a invocação de

São João Batista. Posteriormente, já no século XX, a invocação foi mudada para Nossa Senhora da Conceição em cuja área relacionada já se formava um pequeno povoado com algumas habitações, mudando-se o nome de Mucambo para Nova Olinda, permanecendo até 1943, quando se adotou a denominação definitiva de Olindina.

Segundo Silva (apud CALASANS, 1997, p.64) terminada a obra do cemitério de Itapicuru, seguiu Antônio Vicente para a fazenda Mucambo, de propriedade do médico Dr. Pedro Ribeiro, onde construiu uma capela, cujo orago era São João Batista.

Aguiar (1888, p, 76), contemporâneo do beato, também noticiou sobre a estada deste, em Olindina, o qual estava a construir a Igreja Matriz. Segundo esse cronista e coronel de polícia, em seu obra *Descrições Práticas da Província da Bahia*, estava o beato concluindo uma elegante igreja no Mocambo, onde presenciara o término da mesma, no ano de 1882.

A obra arquitetônica religiosa do Mocambo, atual Olindina foi demolida no ano de 1961 para atender ao novo traçado urbanístico. Segundo as vozes locais, restou somente daquela época o cruzeiro da igreja, o qual não se encontra mais na cidade atualmente. No lugar da antiga edificação ergueu-se um templo de faição moderna, apagando-se com isso um dos mais antigos templos do visionário do Quixeramobim (Imagem 141).



Imagem 141: Igreja Nova de Olindina– BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011



Com a demolição do antigo templo poucos registros ficaram restaram para propiciar estudos mais detalhados sobre seu partido arquitetônico e seu repertório ornamental. Depois de peregrinar por alguns arquivos pessoais, uma fotografia da década de cinquenta do século XX foi encontrada. Ainda que desbotada pela ação do tempo, tem-se um valioso registro que tirou do obscurantismo o antigo templo. Através desse imagem podemos asseverar sobre o estilo aí presenciado. Contudo, em relação ao interior nada se pode dizer, pois não encontramos nenhuma evidência que pudesse comunicar acerca de sua gramática estilística.

O frontispício da antiga Igreja de São João apresentava, pela primeira vez, no bojo das obras do profeta Conselheiro, um diálogo com as tendências revivalistas (Imagem 142). A tipologia aí adotada repercutiria, todavia, em outras duas de seu currículo de arquiteto dos sertões: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Nova Soure e Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru.

Nesse exemplar, o líder de Canudos lançou mão de um conjunto de seis pináculos, torre campanário central coroando a fachada e utilizou vários vãos de abertura contendo arcos plenos, ogivais e vão retangulares, comprovando a tese de que nessas áreas mais próximas do Sergipe e do litoral, as influências neoclássicas e neogóticas notabilizaram-se de maneira mais frequente em suas obras.



Imagem 142: Igreja de São João Batista de Olindina – BA.

Fonte: Arquivo da prefeitura de Olindina, 2010.

## 6.6 APORÁ

O antigo povoado do Aporá fazia parte da área territorial de Inhambupe. Município com forte nuance religiosa e atuação de Antônio Conselheiro desde a década de 70 do século XIX, sendo desmembrado somente em de 1958. Segundo alguns de seus habitantes, em Aporá, o Conselheiro e sua turma construíram a Igreja Matriz e um cemitério. O município faz limite com Crisópolis, Esplanada, Entre Rios, Inhambupe, Olindina e Acajutiba.

Sabe-se que o beato aí já estivera, no ano 1875, para o término do cemitério local, iniciando, com isso, um processo de intercâmbio e contendas religiosas com o clero local. Todavia, com relação à igreja, cujo orago foi o Sagrado Coração e depois Nossa Senhora da Conceição, pouco se sabe.

É voz corrente na cidade ter sido o apóstolo de Quixeramobim o responsável por sua edificação, sem, contudo, haver uma precisão cronológica no tocante à sua edificação. Acredita-se, que suas obras tenham ocorrido entre o final da década de 70 e início de 80 do século dezenove.

Quem primeiro indicou o templo do Aporá como sendo da lavra do Conselheiro foi o poeta e cronista sertanejo José Aras.

Fez a Igreja do sobrado  
Na vila do Aporá  
Fez em Timbó e Esplanada  
E reconstruiu outras lá  
Em Inhambupe e Barracão  
Mocambo e Missão  
Pombal e Massacará  
(SARA, p.5)

Já Calasans (1997, p.69), em sua pesquisa sobre as igrejas do Conselheiro, lista a de Aporá como um exemplar da lavra do beato. Segundo seu relato, um certo repórter, cujo nome é Luis Paraguassu diz ter ouvido de um aedo sertanejo que alguns padres aceitaram e convidaram o Antônio Vicente para construir o templo do povoado, também conhecido como Igreja do Sobrado, com seus dois andares.

Aporá está encravado numa pequena elevação, num cenário de belezas naturais cortado pelos rios Quatis, Gangu, Pamonhas e Papagaio. Possui a Lagoa de Aporá, Tanque da Água Branca, Lagoa da Rainha, Lagoa da Tapera, e o açude de Itamira. Apresenta,

também, uma pequena área de mata virgem e em determinados pontos do caminho plantações de eucalipito se destacam da vegetação local.

Ao se avistar de longe a cidadezinha, a cena primeira que se sobressai é a da igreja encrvada na praça principal, fazendo-nos lembrar um templo grego coroando sua acrópole. Tal relação ocorre, justamente, porque podemos, nela, identificar alguns elementos da arquitetura grega.

Do conjunto arquitetônico articulado pelo Antônio Conselheiro nessa cidade, resta apenas a igreja; o cemitério e o cruzeiro primitivo já foram destruídos, e, embora apresente características comuns a outras edificações do líder religioso, é também, a que mais diferenças possui.

Esse templo é o unico que chegou aos dias atuais apresentando um andar superior. O outro exemplo vamos ver somente na Igreja do Bom Jesus do Belo Monte. O único das espécies do Conselheiro, ainda existentes, com maior área por metro quadrado (Imagens: 143 e 144).



Imagem 143: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.

É, relmente, um templo *sui generis* do bojo do beato. Seu partido estilístico, além de transitar entre o neogótico e o neoclássico dialoga também com algumas expressões da arte popular.

Apresentando duas divisões horizontais e três verticais, o frontispício possui um frontão triangular com interrompimento em dois de seus ângulos formando arcos. Chama a atenção o número de portas. São cinco vãos inferiores em arco pleno encimados por cinco vão superiores em arcos ogivais. Notam-se, também, elementos da ordem grega: pilastra com capitel dórico, frisos e cornija. Nas laterais, os vãos seguem a mesma linguagem da fachada, só que em maior quantidade: seis em arco pleno e sete em arco ogival (Imagem 145).



Imagem 144: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Imagem 145: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

Na fachada, elementos decorativos de nuances mais populares se destacam. O coração invertido na cor vermelha tem uma cruz coroando o vértice. Mais acima, na pequena base da cruz que esta assentada no topo, salta um coração crucificado em alto relevo e figuras vegetalizadas: o Sagrado Coração de Jesus (Imagem 146).



Imagem 146: Detalhe do frontão da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Todavia, a decoração intena desse templo vem passando por profundas transformações o que tem desfalcado, sobremaneira, o antigo conjunto ornamental. O interior é, deveras, elegante com suas arcadas se destacando dos demais elementos.

O antigo altar-mor foi subtraída totalmente, no lugar colocaram um outro executado em granito. Restam apenas os dois altares laterais. Eles são a prova evidente da passagem do líder místico e dos seus artesãos nessa freguesia. Neles evidenciamos as marcas da expressividade popular, bem como as da preferência do peregrino: flores, monogramas, etc., (Imagem 147).

Um outro achado, deveras, expressivo encontrado nos corredores empoeirados das galerias superiores é um crucifixo tipo báculo, certamente carregado em procissões. Nele, evidenciamos o que de mais autêntico existe nesse templo. É uma peça vazada na arte popular, de aspecto singelo e com membros superiores destacados, lembrando os exemplares de Joana Imaginária, escultora e segunda esposa de Antônio Vicente. Tal obra é uma das poucas esculturas que chegaram até nós, sendo atribuída ao “Povo da Companhia”. (Imagem 148).



Imagem 147: Altares laterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011





Imagem 148: Imagem do Bom Jesus encontrada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

## 6.7 EUCLIDES DA CUNHA (CUMBE)

A cidade de Euclides da Cunha, antiga Cumbe, tornou-se mais divulgada no cenário nacional a partir da publicação da obra *Os Sertões*, em 1902, do escritor Euclides da Cunha.

O povoado, situado no norte da Bahia, no sopé da cordilheira do Muribeca, teve seu nome alterado para homenagear o grande autor de *Os Sertões*. Etmologicamente o antigo nome significava cachaça, termo muito empregado, por exemplo, no estado do Ceará.

Aras (2003, p.125), informa que o Cumbe, assim como Uauá, Canudos e Massacará eram vilarejos que pertenciam ao Monte Santo, sendo que Cumbe e Canudos eram os povoados com os quais a sede mantinha maior intercâmbio. Cumbe, com seu solo fértil e o trabalho ininterrupto do povo progredia mais, causando acirrada concorrência com seus vizinhos.

Existia no centro dessa cidade um conjunto arquitetônico religioso atribuído a Antônio Conselheiro e seu povo. Todavia, no tocante à Igreja Matriz existem divergências de opinião quanto ao seu construtor. José Aras (1960), filho da região, assevera que quem a edificou foi um outro beato, chamado Francisco. Já para o cronista viajante do século XIX, Durval Vieira Aguiar (1979), quem ergueu a igreja de Nossa senhora da Conceição do Cumbe foi o Antônio Conselheiro.

Aguiar (1979, p.83), em suas *Descrições práticas da província da Bahia*, informa que quando passou pela freguesia do Monte Santo, conheceu um indivíduo que pelas características, tratava-se do Conselheiro. Conforme o cronista, no ano de, 1888, havia o beato concluído uma elegante igreja no Mucambo (Olindina), e estava construindo uma excelente no Cumbe (Euclides da Cunha), onde a par do movimento do povo, mantinha ele, admirável paz.

Nas palavras de Aras (1960, p.15), desde 1880 andava por essas paragens um penitente chamado Conselheiro Francisco que se ocupou da construção do cemitério e da capela, não faltando quem transportasse pedras dos morros vizinhos e linhas de aroeiras encontradas nos arrabaldes da freguesia.

Um pouco mais tarde, o bispo transferiu a sede da freguesia do Massacará para a sede de Nossa Senhora da Conceição do Cumbe, sendo o seu primeiro capelão o padre Vicente Sabino, vigário encarregado pelo cumprimento dos rituais católicos no Belo Monte.

A grande dificuldade era a falta de bons mestres de obras. Foi quando apareceu em Massacará um penitente conhecido como Conselheiro Francisco. Era um daqueles andarilhos que viviam a pregar sermões e a manter vivo o profundo sentimento católico dos sertanejos. Aparecendo no Cumbe, por ali ficou muito tempo rezando e fazendo penitência. Consultado a respeito da construção da igreja o peregrino deu notícias de um pedreiro com muita experiência que residia na Vila de Floresta, em Pernambuco, prontificando-se em ir buscá-lo. Autorizado a trazê-lo, o Conselheiro Francisco retornou, quase dois meses depois com o mestre José Bezerra de Oliveira depois de exaustiva jornada de ida e volta e sucessivas tentativas de convencimento. Programado o início das obras, carpinteiros e pedreiros foram surgindo. [...] O penitente ajudou na edificação da igreja, na escolha do local e do levantamento de paredes do cemitério. Sobre o interior da igreja o autor segue dizendo que era muito bonita e estava voltada para o casario primitivo. Seu altar-mor singelo era construído entre dois belos pilares. De seu coreto durante muitos anos se ouviu música e do púlpito se ouviu a voz de Antônio Vicente Mendes Maciel revoltado com as injustiças sofridas e as perseguições do governo contra o seu povo. (ARAS, p. 131-133)

Confrontando as várias declarações acerca da antiga igreja do Cumbe, bem como a sua inclusão na listagem de José Calasans que fez um levantamento das principais construções do Antonio Conselheiro, ousamos afirmar que esta, é, de fato uma obra do místico cearense. Prova maior é a informação de Durval Vieira Aguiar, que emite um parecer a partir das experiências vividas naqueles rincões. A partir de suas crônicas e descrições tão claras, tem-se uma testemunha de que realmente viu e comprovou esse momento histórico.

Um aspecto importante para se elucidar provável dúvida é através da análise tipológica do templo. Embora ele não exista mais devido a sua demolição ocorrida na década de 60 do século XX, restaram algumas fotos de sua fachada que nos permitem lançar luzes sobre sua história (Imagens 149 e 150).

Outro indicativo que se pode levantar acerca de sua estada no Cumbe é a escolha do orago, pois dentre os santos de devoção do Conselheiro, Nossa Senhora da Conceição aparece na lista de seus preferidos. Outro ponto que confirma esse pensamento se dá devido ao fato de o cronista Durval Vieira relacionar essa obra com outro exemplar já terminado: a Igreja de São João Batista de Olindina, edifício já comprovado como sendo da autoria do beato.

Por último, os aspectos formais desse templo denunciam características da linguagem do Antônio Vicente já empregadas noutras construções. Nele podem ser percebidos três pares de volutas em “s”, arcos de inspiração mourisca ou mudejár, pináculos laterais encimando a fachada, ausência de torre sineira – o sino é colocado num

vão de abertura semelhante a uma janela, cruzeiro frontal harmonizando-se com o do frontispício, etc.



Imagem 149: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Euclides da Cunha – BA.  
Fonte: José Aras.

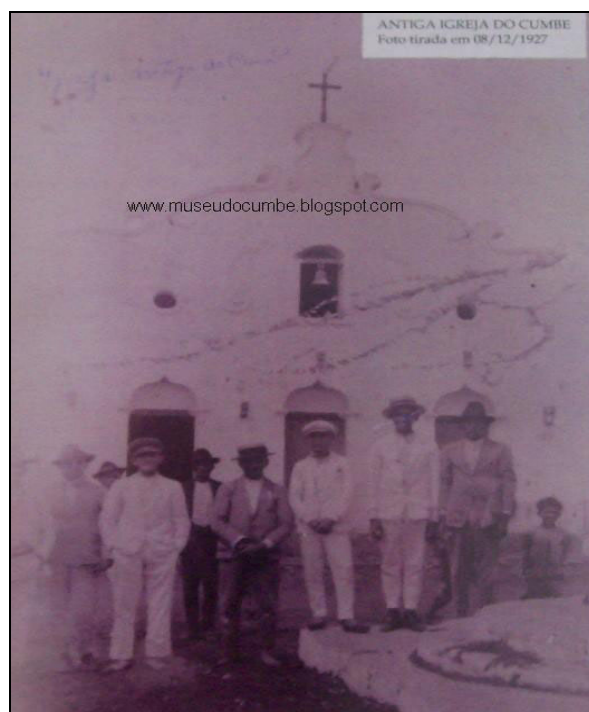


Imagem 150: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Euclides da Cunha– BA.  
Fonte: Museu do Cumbe, 2011.

## 6.8 NOVA SOURE (NATUBA)

O território do qual faz parte Nova Soure se originou do trabalho de catequização jesuítica, unindo aldeias em uma só, denominada Natuba, que etimologicamente significa “rio que não seca”. Acredita-se que os kiriri deram esse nome devido ao fato de a aldeia localizar-se nos arrabaldes de um brejo, banhado por um riacho de fluxo contínuo.

Com a catequização e a junção de elementos culturais portugueses foi dada à povoação o nome de Nossa Senhora da Conceição da Natuba. O município foi emancipado em 1754, e em 1758 recebeu, através de Carta Régia, o nome de Vila de Nova Soure.

Situada numa área ao norte da Bahia, faz fronteira com alguns municípios onde houve forte atuação do místico beato: Olindina, Itapicuru, Tucano, Cipó, Biritinga, etc. Está, entretanto, próximo do Estado de Sergipe, estabelecendo com ele algumas relações comerciais e culturais.

Na última década do século XIX, alguns episódios relacionados a Antônio Conselheiro e seu povo marcariam a história da antiga Natuba. Nesse época, sua fama havia crescido nos sertões do nordeste, tornando-se, a partir de então, um líder mobilizador das massas camponesas, não aceitando o julgo do latifúndio e a opressão do Estado. Acredita-se que nesse período a República já estava proclamada; e com isso certas leis ficavam sob a responsabilidade dos municípios, fazendo com que esses usassem artifícios para explorar, ainda mais, a população pobre.

Outro fato que marca esse momento histórico são os conflitos ocorridos entre o povo conselheirista e o clero. Devido a fama crescente dessa gente, a igreja decreta leis proibindo, terminantemente, a pregação ou a realização de obras pias do profeta sertanejo. Sendo assim, um episódio curioso assinalaria a restauração da matriz de Natuba.

Na argumentação de Graham (2002, p.109), a partir desses episódios, Conselheiro tornou-se um homem diferente, irascível diante da menor contradição, vindo a tona uma personalidade mais dominante e que havia estado por longo tempo submersa. Para o autor, isso ficou patente quando um dia apareceu na Vila de Natuba, onde o padre havia resistido a ele. Segundo consta, a igreja estava em ruínas e, casualmente, o padre havia saído para visitar alguns paroquianos, o que fez com que Antônio Conselheiro ordenasse a seus seguidores a juntarem materiais para o conserto do templo.

Sabe-se, entretando, que quando o padre regressou e encontrou à porta da igreja uma grande quantidade de pedras, prontas para serem usadas, e um multidão de pessoas postas ao trabalho, embargou imediatamente os materiais já postos, distribuindo-os para os moradores locais que os utilizaram para fazer o passeio de suas casas.

Segundo as vozes locais, dessa vez o profeta não silenciou; lançou, em alta voz, a mais abrangente das maldições contra o padre, sua igreja, o povoado e todos da comunidade, retirando-se dali, com seu povo que partiu dando vivas ao Bom Jesus e cantando benditos.

Passados um ou dois anos, devido as necessidades urgentes e ao estado de ruína do templo e do cemitério, a situação se inverteu. Tal episódio é relatado por Cunha (2002, p. 169):

Tempos depois, a pedido do mesmo vigário, certa influência política do local o chamou. O templo desabava, em ruínas; o mato invadira todo o cemitério; e a freguesia era pobre. Só poderia renová-los quem tão bem dispunha dos matutos crédulos. O apóstolo deferiu ao convite. Mas fê-lo através de imposições discricionárias, lembrando com altaneria destoante da pacatez antiga, a afronta recebida.

A restauração, que nesse templo se fez, ocorreu mediante às influências das áreas próximas; Itapicuru e Olindina. O modelo arquitetônico da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Natuba, com sua fachada de tendência neogótica, dialoga com o partido da Igreja de São João Batista de Olindina, e, em menor escala, com a de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru. (Imagens: 151 e 152).





Imagem 151: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Imagem 152: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.

Embora existissem algumas diferenças tais como: divisão das naves, quedas d'água do telhado e vãos de abertura; é com a igreja de Olindina que esta mais se assemelha. Nela, ainda chama bastante atenção sua elegante portada, talvez, o elemento mais original e ainda preservado dos tempos conselheiristas.

A igreja passou por algumas reformas posteriores, alterando alguns de seus elementos externos, sendo, todavia, a ornamentação do interior a mais prejudicada, pois o conjunto de altares – mor e colaterais foi totalmente removido e substituído por um de feição revivalista.

Contudo, a portada que ai se sobressai, com seus entalhes florais, é de grande expressividade. O seu arco pleno apresenta profundidade considerável, com três vãos de abertura; um frontal e dois laterais. A porta central, totalmente em madeira com seus motivos fitomórficos, atesta um dos temas preferidos do Antonio Conselheiro; temática que seria bastante explorada na porta do templo de Crisópolis e nos altares e cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte (Imagem 153).

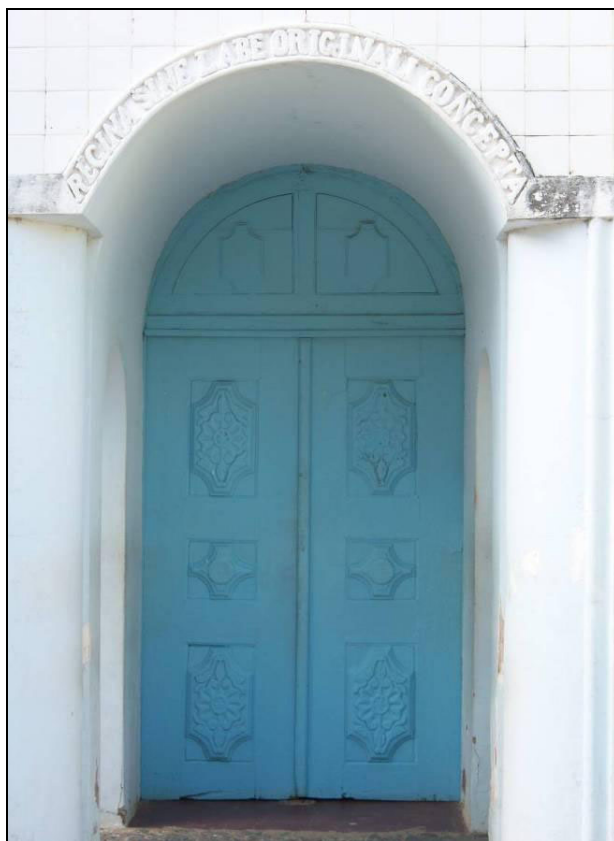


Imagem 153: Porta da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

## 6.9 BIRITINGA

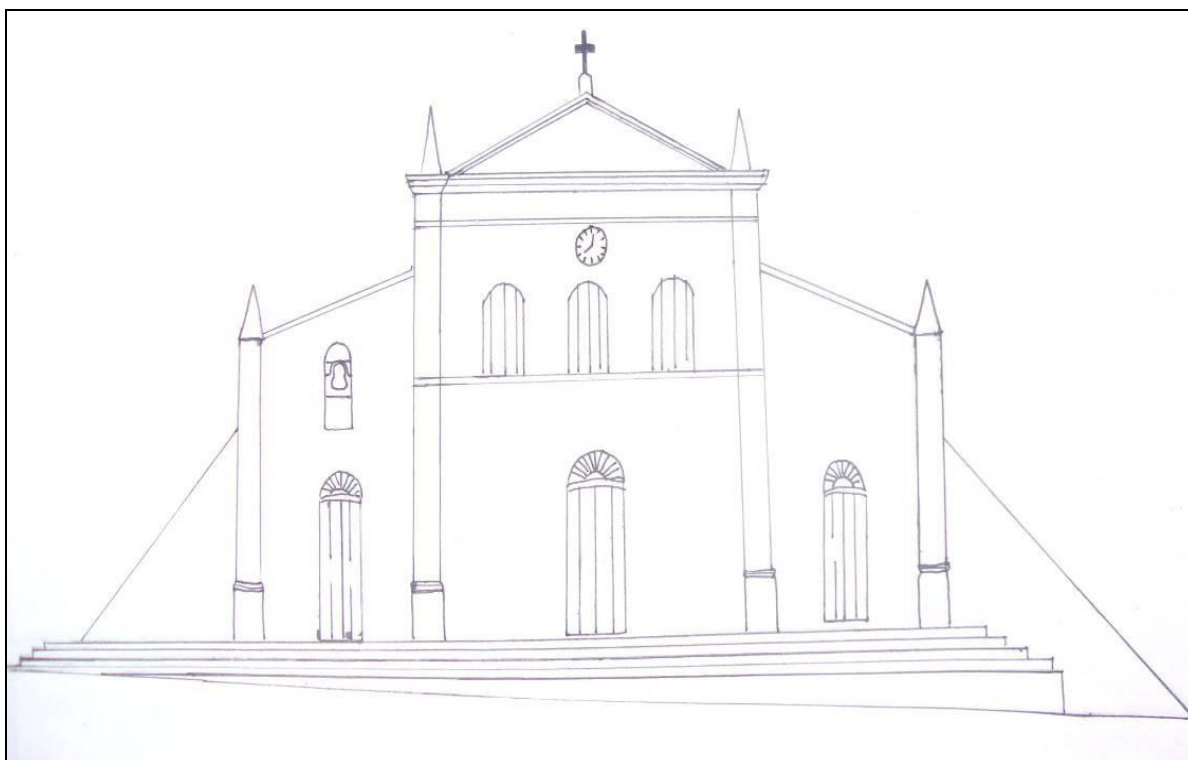


Imagem 154: Igreja de Nossa Senhora de Belém, Biritinga – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.

A antiga freguesia de Biritinga, cujo templo tinha como orago Nossa Senhora de Belém, pertencia ao município de Serrinha.

O atual território foi antigamente habitado por índios denominados de biritingas. Pelos idos de 60, do século XIX, operários encarregados da abertura da estrada que ligaria as sedes municipais de Alagoinhas a Monte Santo, se estabeleceram em local provido de água e de uma frondosa mangueira que servia de pouso aos tropeiros e viajantes. Dessa árvore, originou-se a denominação inicial – Manga. Município criado com parte do sítio de Biritinga, e território desmembrado de Serrinha em 1962.

Conta a tradição oral que por essa cidade, Antônio Vicente Mendes Maciel passou e ajudou no levantamento do templo. Olavo (1987), diz que o livro de registro da Igreja de Nossa Senhora de Belém confirma que foi o Conselheiro quem iniciou a construção.

Ao que nos parece, é a obra da grei conselheirista a menos divulgada. Sobre ela, pouco se sabe: Quando foi feita? Por que foi feita? Como foi feita?

Calasans (1997, p.67), em sua *Cartografia de Canudos* afirma que não encontrou quaisquer documento referente à participação do Conselheiro na construção da Igreja de Biritinga, antiga Manga. Segundo o pesquisador, as informações mais importantes sobre esse questão foram passadas pelo professor Júlio Santana Braga, da Universidade Federal da Bahia, o qual dizia que é voz corrente na cidade, haver Antônio Vicente levantado a igreja que ali se encontra. Ainda de acordo com Calasans, um outro informante, em Itapicuru, enumerando templos erguidos pelo irmão Antônio, inclui o de Biritinga.

Contudo, para maiores esclarecimentos sobre o edifício, convém examiná-lo. Nele, evidenciam-se alguns elementos que fazem parte do repertório utilizado na arquitetura religiosa popular do profeta.

Segundo algumas vozes locais, o beato estava de passagem quando se ofereceu para construir o templo, não chegando a ficar para o término da construção. Também, como se sabe, Antônio não ficava sempre no mesmo lugar, esperando a obra terminar, pois quando acabava de conceber um projeto ficava inspecionando o empreendimento por um certo período e depois se retirava para outro local, dando início a uma outra construção. Terminado o templo, ele então retornava à cidade para conferir e iniciar a sagração da igreja.

A igreja de Biritinga é bastante simplificada; faz lembrar as fachadas das antigas edificações religiosas dos jesuítas. Nela pode-se visualizar um frontão triangular encimado por cruz e ladeado por dois pináculos piramidais ao gosto do beato (Imagem 154). As duas pequenas naves laterais se diferenciam no frontispício por apresentarem linhas inclinadas nas águas do telhado, pináculos em suas terminações, harmonizando-se com os contrafortes aí existentes. Esses contrafortes são elementos já empregados em outros projetos do líder de Canudos: Capela da Rainha dos Anjos em Itapicuru, etc. Aí em Biritinga, eles são usadas com maior ênfase; com um número de três em cada lado, apresentam estrutura bastante espessa, além de denotar força e peso (Imagem 155).

A torre sineira obedece ao mesmo partido tipológico adotado em outras igrejas, está deslocado para o lado esquerdo, e o sino é colocado numa pequena abertura que lembra o vão de uma das janelas.



Imagem 155: Igreja de Nossa Senhora de Belém, Biritinga – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



## 6.10 ESPLANADA



Imagem 156: Igreja dos Santos Reis, Esplanada – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.



Imagem 157: Igreja dos Santos Reis, Esplanada– BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Esplanada faz fronteira com os seguintes municípios: Entre Rios, Acajutiba, Aporá, Cardeal da Silva, Rio Real e Conde. Conhecida antigamente como Timbó sua história remonta ao final do século XVIII e início do XIX, quando desbravadores portugueses, em busca de ouro e pedras preciosas adentraram os sertões, destruindo e dizimando as culturas indígenas e dando origem à formação de novos arraiais. Atraídos pela fertilidade das terras, se fixaram na região da Senhora Madre e Itapicuru da Praia, atual cidade do Conde. Ali formaram o Arraial do Timbó com mão de obra escrava e indígena, surgindo, assim, à aristocracia agrária do Conde, área litorânea.

A partir do ano de 1860, quando se deu início à construção da estrada de ferro, grande número de pessoas se deslocaram e se instalaram no arraial, favorecendo o seu desenvolvimento.

Na década de 80 do século dezenove, temos notícia do beato atuando na área do atual município de Esplanada. O Timbó era região de intensa religiosidade, onde já prevalecia a influência de Antônio Conselheiro. Para José Calasans (1997), o peregrino, nessas terras, vivia a transmitir aos escravos os ensinamentos dos Evangelhos.

Um italiano, que trabalhava (ou que havia trabalhado, pois a ferrovia já estava pronta até Timbó desde 1887 e o prolongamento para Sergipe ainda não estava sendo feito na construção da estrada de ferro Salvador-Timbó), narrou, nesses termos, seu encontro com o peregrino: "Veja como este povo", disse-lhe o Conselheiro apontando a gente que aguardava a sua pregação, "na sua totalidade escrava vive pobre e miserável. Veja como ele vem de quatro e mais léguas para ouvir a palavra de Deus. Sem alimentar-se, sem saber como se alimentará amanhã, ele nunca deixa de atrair pressuroso às palavras religiosas, que, indigno servo de Deus e por ele amaldiçoado, iniciei neste local para a redenção dos meus pecados". No lugarejo mencionado, que outro não era senão Saco, entre Timbó e Vila do Conde, na então província da Bahia, durante o dia quase não havia viva alma. Mais de duas mil pessoas, porém, surgiram de noite, ansiosas para ouvirem os conselhos do Bom Jesus. "Ao anoitecer", prosseguiu o empreiteiro, "começavam a chegar e às 8 horas a praça estava cheia, tendo mais de mil pessoas, todas escravas, e após o sermão, que em seguida um explicava ao outro, visto que somente os vizinhos podiam ouvi-lo, todos cantavam as seguintes estrofes: Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, ao que as mulheres e meninos respondiam para sempre seja louvado o santo nome de Maria, e isto até a meia noite, algumas vezes. De manhã não havia pessoa alguma no arraial" (CORREA, 2010).

Consta na escrita de alguns pesquisadores, dentre eles José Olavo, Oleone Coelho e José Clasans, que Antônio Conselheiro erigiu obras pias nessa localidade, destacando-se a restauração da Igreja Matriz do antigo Timbó, dedicada aos Santos Reis, e o cemitério local.

A Igreja do Timbó apresenta um desenho de fachada que lembra o exemplar tipológico dos jesuítas – Igreja de Gesù em Roma (Imagem 158). É claro que de uma

maneira bastante simplificada, dentro das possibilidades dos recursos e do domínio das técnicas do povo conselheirita.



Imagem 158: Igreja de Gesù de Giacomo della Porta – Roma.

Fonte: [http://assuntosdaana.blogspot.com/2010\\_06\\_01\\_archive.html](http://assuntosdaana.blogspot.com/2010_06_01_archive.html)  
 acesso em: 24/08/2010.

Embora o templo de Esplanada seja de feições modestas e simplicidade popular, é, ainda assim, um verdadeiro registro vivo que conta acerca da atuação do beato e sua gente naqueles rincões.

Chamam bastante atenção as duas volutas que ladeiam o frontispício (Imagem 159). São extremamente graciosas e apresentam longo espiral que vão se afinando no centro. As duas volutas lembram muitas outras das construções do “Povo da Companhia”, pois embora sejam simétricas apresentam curvas meio tortas, parecendo que foram confeccionadas à mão livre. Se destacam, também, na fachada o rendilhado que coroa a cornija e os modestos pináculos que aí se fazem presentes (Imagem 160). Vale aqui ressaltar, que a decoração do interior é de outra época, não sendo, contudo, atribuída à grei do Conselheiro.

O nome Timbó aparece constantemente, mas a cidade não progrediu muito, mantendo-se como um bairro afastado do município de Esplanada. Da estação de Timbó nada restou, apenas alguns restos de tijolos.



Imagem 159: Detalhe da Fachada da Igreja dos Santos Reis, Timbó, Esplanada – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Imagem 160: Detalhe da Fachada da Igreja dos Santos Reis, Timbó, Esplanada – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

Além da reforma da igreja, é de comum acordo entre os moradores da localidade que o cemitério, ali existente, foi edificado por Antônio Conselheiro. É uma construção que está, hoje, em estágio de deterioração, não existindo mais as paredes. Nela, se destacam duas fortes colunas retangulares, cujo topo tem forma piramidal, e estão, por sua vez, assentadas no pórtico frontal da edificação.



Imagem 161: Cemitério do Timbó, Esplanada – BA.  
Fonte: Antônio Olavo, 1987.

## 6.11 ENTRE RIOS

Entre Rios é um município com um geografia, deveras, curiosa; possui uma faixa de terra litorânea e outra que adentra o sertão. O antigo povoado de nome Subaúma, onde foi erguida uma pequena capela em honra a Nossa Senhora dos Prazeres, nasceu às margens dos rios Joanes e Inhambupe, originando o nome da região. As primeiras incursões para exploração das terras onde hoje se localiza o município aconteceu no século XVI, com a concessão de sesmarias à Casa da Torre de Garcia D'Ávila.

Sobre essa vila, ainda no século XIX, o cronista Aguiar (1979, p.89-90), discorrendo sobre seu comércio, geografia e histórias, anuncia:

A pequena e insignificante vila, instituída a 3 de abril de 1872, foi inaugurada em 1873, ainda no alto de uma colina entre os rios Inhambupe e Subaúma, de cuja posição lhe vem o nome. O povoado apresenta um quadrado de casas ordinárias com a Matriz no Centro sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres [...] A vila é pobríssima, o comércio nenhum e só se encontra, limitadamente, os gêneros de primeira necessidade nos dias da escassa feira que ali se faz em péssimo avarandado: nos outros dias torna-se um ermo. O termo faz parte da comarca de Inhambupe [...] tendo por mais importantes as povoações de Sismaria e Divina Pastora. Existem no termo alguns bons engenhos e fazendas de criações; entretanto os terrenos são magníficos para o cultivo do fumo que ali se produz de excelente qualidade, porém ainda com safras pouco desenvolvidas [...].

Foi, também, no século XIX, que nessa povoação, apareceu Antônio Conselheiro com sua gente, resultando desse contato, um dos cemitérios mais elegantes e mais evoluídos da sua produção.

Calasans (1997, p. 67) em sua *Cartografia de Canudos* também deixou informações sobre esse evento. Segundo seus escritos, o ilustre advogado baiano, Dr. Ulbaldino Gonzaga, natural de Entre Rios, viu e recorda a chegada, em 1887 ou 1888, de Antônio Conselheiro em sua cidade natal, com grande número de acompanhantes conduzindo pedras para o muro do cemitério local.

A obra, ai erigida, é de notável beleza e difere das demais, fazendo dela a maior construção cemiterial da lavra do beato. Apresenta grossas paredes que começam em linhas inclinadas e vão se tornando horizontais. Em toda sua extensão, notáveis pináculos se destacam, e no pórtico, duas pilastras apresentam capitéis dóricos decorados com frisos (Imagens 162 e 163).



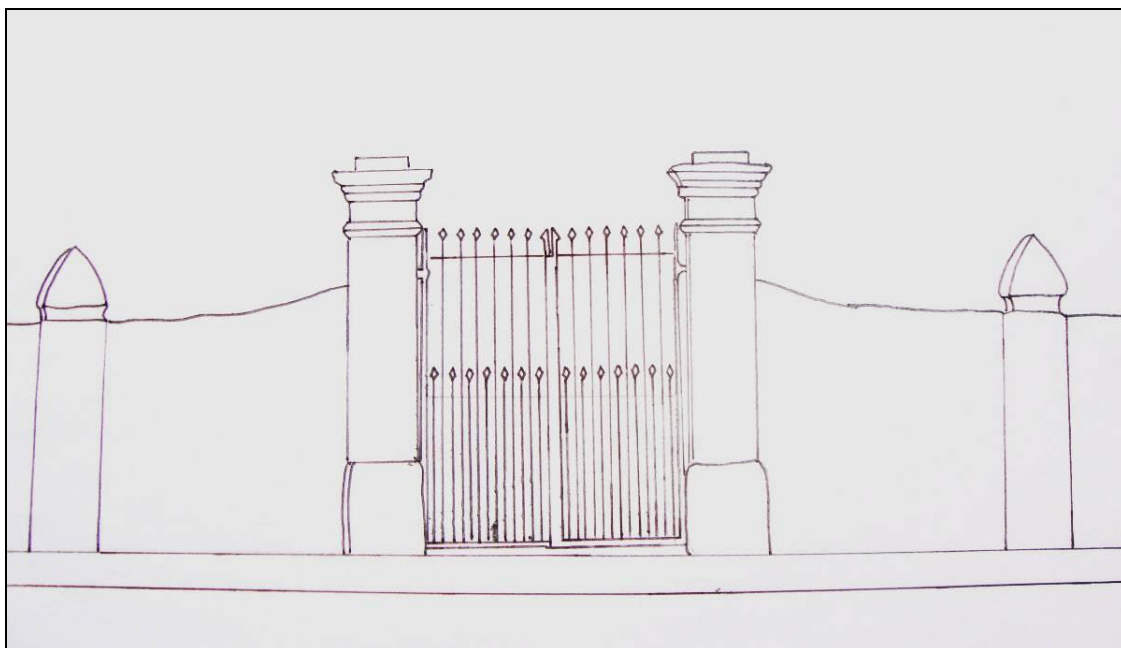


Imagem 162: Cemitério de Entre Rios – BA.  
Fonte: Everton Silva, 2011.



Imagem 163: Cemitério de Entre Rios – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



## 6.12 CÍCERO DANTAS (BOM CONSELHO)



Imagem 164: Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

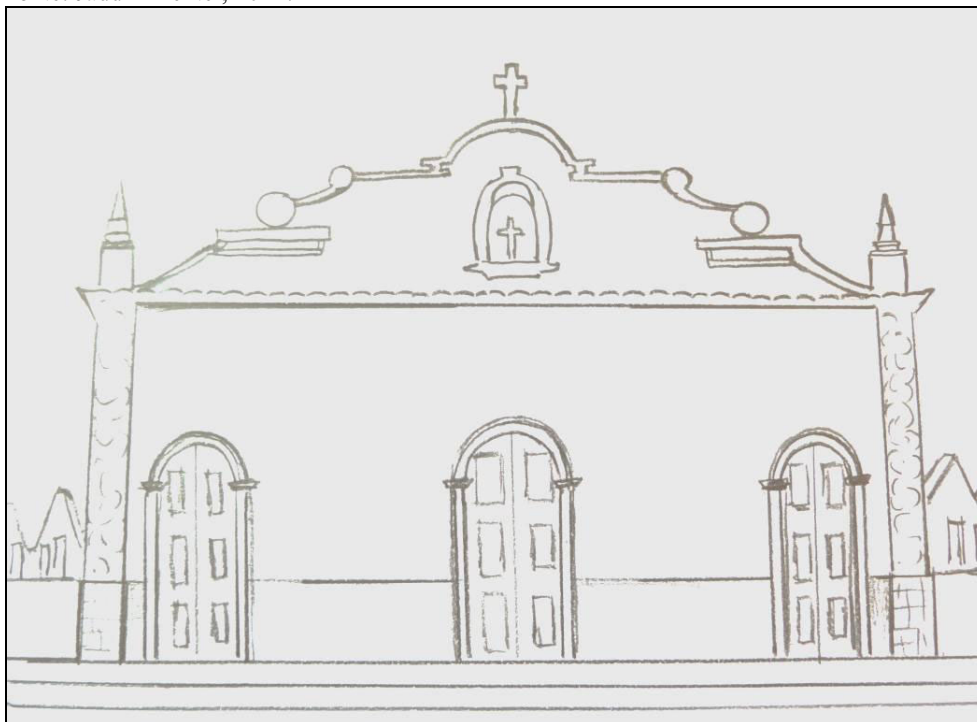


Imagem 165: Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

A atual Cícero Dantas, cujo topônimo era Bom Conselho, teve seu nome alterado para homenagear o Barão de Geremoabo, ou Cícero Dantas Martins.

A antiga Bom Conselho, com sua topografia ímpar, naqueles sertões, mais se assemelhava a uma cidadezinha do litoral ou da zona da mata. A sua área é toda pontuada por ladeiras, serras e depressões, o que faz dela uma cidade de cenário atípico naqueles confins.

A região onde está situada Cícero Dantas tem uma história que se perde no tempo. Antes da chegada dos desbravadores coloniais, era habitada por índios cujos registros históricos não chegaram até nossa época. É possível, entretanto, discorrer acerca de suas presenças pelos achados arqueológicos encontrados em sua área, e pela existência em lugares não muito distantes de diversas aldeias indígenas, como os de Maçacará, Mirandela, Jeremoabo, Ribeira do Pombal e Nova Soure.

Todavia, foi na primeira metade do século XIX, que Bom Conselho tornou-se freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Conselho dos Montes do Boqueirão, por meio do Alvará Régio de 1817. Antes, porém, em 1812, o Frei Apolonio de Todi construiu a Igreja Matriz .

Existem duas construções religiosas de excelente qualidade no seu sítio urbano. No centro da cidade, numa área de pequena elevação, está a grande Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho erguida pelo frei Apolônio de Todi, no século XVIII . À sua frente, num planalto de íngremes ladeiras, ostenta-se, ainda incólume, um cemitério, cuja capela, presente logo na fachada, foi erguida pelo Antônio Conselheiro (Imagens: 164 e 165).

É um dos sítios de maior beleza desses sertões. Chega mesmo a lembrar os altos e baixos de uma pólis grega e sua acrópole. A grande igreja de Frei Apolônio de Todi ai presente, inspirou Antônio Conselheiro em sua obra final: Igreja do Bom Jesus do Belo Monte (Imagem 166).

Sobre o templo dessa freguesia e a capelinha do Cemitério Cacunéia, situado à sua frente, diz o cronista, no ano de 1888.

A vila criada por lei de 9 de julho de 1875, acha-se a 15 léguas aquém de Geremoabo, e consta de uma comprida rua entre dois muros, em cima de um dos quais existe uma elegante capelinha. A matriz sob invocação de Nossa Senhora do Bom Conselho, está situada no centro, do lado esquerdo de quem vai, em uma elevação do terreno que apresenta declive aos lados. [...] (AGUIAR, 1979, p.79)

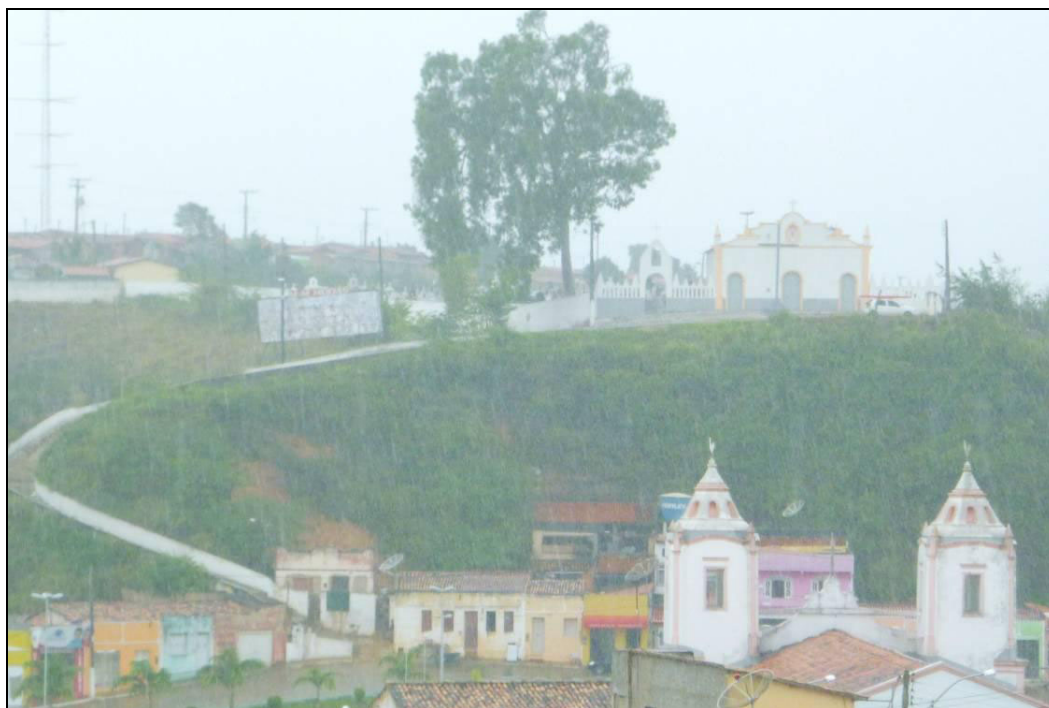


Imagem 166: Igreja e Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

A capela da Santa Cruz do Monte Santo é pouco citada; não aparece nas pesquisas de José Calasans, quando este aborda sobre as construções do Conselheiro. Os únicos documentos que apontam de fato a edificação como da lavra do Antônio Conselheiro são: um cadastro arquitetônico realizado pelo IPAC, na década de oitenta do século XX, e o livro *Arqueologia e reconstituição monumental do parque estadual de Canudos* realizado pela Universidade do Estado da Bahia.

Embora seja uma construção modesta e de pequeno porte, apresenta-se como uma “jóia” para as gentes do sertão, especificamente para os habitantes da cidade. Sua fachada apesar de modificada levemente, ainda apresenta características da arte e da arquitetura do povo do Conselheiro. Chama-se atenção para os dois pináculos laterais da fachada com coroamento em cones.

O interior da capela é igualmente modesto e comunica o repertório utilizado em outras construções: paredes espessas, pé-direito baixo, etc. Ainda está presente ali, um pequeno altar que tem uma cruz que, segundo a população, foi deixada pelo beato. Infelizmente, o interior da capela vem sofrendo alterações por mãos não especializadas, aniquilando e mutilando elementos de considerável valor histórico (Imagem 167).



Imagem 167: Interior da Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas – BA.  
Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

É importante dizer que no Antigo Bom Conselho, Antônio Conselheiro peregrinou por variadas vezes, desde a sede até os povoados de seu território. Tamanho tráfego, nessas áreas, arrebanhou multidões para o seu séquito, culminando, na década de noventa do século dezenove, em desafetos entre anacoreta e algumas autoridades locais. Tais querelas contribuíram por empurrar o Bom Jesus Conselheiro e sua gente para as sendas mais longínquas daqueles sertões; aquartelando-se, no ano de 1893, no antigo povoado de Canudos, cujo topônimo, Belo Monte, também passou para a história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na voz de muitos historiadores, Canudos e Antônio Conselheiro são, respectivamente, o episódio e o brasileiro mais pesquisados na historiografia brasileira. Canudos e seu articulador formam o grande momento da história nordestina do fim do século XIX, e significaram a negação de uma sociedade marcada pelo racionalismo cientificista e pela lógica capitalista, acabando por se transformar em uma das maiores referências da história brasileira. O que poucos sabem é que o líder religioso do Belo Monte era apaixonado por construções de obras pias diversas: igrejas, capelas, cruzeiros e cemitérios.

Sobre o seu mister, o próprio profeta, quando em 1876 foi preso e conduzido à capital da Bahia, ao ser interrogado disse às autoridades que vivia de apanhar pedras pelos caminhos e edificar igrejas, tendo construído algumas no Itapicuru.

Pelo constatado, este era o ofício que mais agradava ao beato dos sertões. Tal fato, pelo que se pode depreender, a partir dessa pesquisa, é que Antônio Vicente por quase todas as cidades da Bahia nas quais passou, se ofereceu para a realização de alguma obra de cunho caritativo que ia desde os reparos de uma edificação arruinada, até a fundação de cidades.

Segundo avalia José Calasans (1997), se considerarmos a época das suas realizações, as dificuldades sem conta para as tarefas apreendidas, justo é asseverar que a sua ação obreira foi significativamente sem igual no sertão da Bahia, pois nenhuma outra pessoa, tendo em vista os problemas da fase estudada, prestou tanto serviços aos sertanejos.

Empregava todos os meios para erigir os templos, influenciando pessoas para conseguir recursos financeiros e materiais. Reunia ao seu redor operários, carpinteiros, fundidores, mestres de obras, etc., não se envergonhando de pedir esmolas a pobres e ricos sem distinção. Havia nele, como edificador, o mesmo vigor e persistência que demonstrava como pregador. Que ele imitava os missionários nas suas missões não explica a individualidade de Antônio, há nele algo a mais que transparece na quantidade de suas construções e que se esclarece em alguns de seus depoimentos.

As construções de Antônio Conselheiro não são mera imitação das atividades dos missionários que adentraram no sertão, mas, pelo contrário, fazem parte integral da missão como Antônio a entendeu, pois o povo vivia em regime de diáspora; havia poucas igrejas

no interior daquela época. Construindo igrejas Antônio deu continuidade às suas prédicas, abrindo espaço para a entrada do mundo divino, para a entrada de Deus. Na construção de igrejas ele pregava a existência e importância de outro mundo e da salvação.

Na voz da tradição popular e em depoimentos feitos por Vilanova, sobrevivente de Canudos, concedido ao pesquisador Nertan Macedo, o beato profeta tinha como meta erguer 25 igrejas fora do Ceará. Na década de 60, tentando esclarecer essa profecia, o historiador José Calasans lançou-se no encalço de contar algumas das obras do Antônio Conselheiro. Ao final, segundo o pesquisador, levando-se em consideração igrejas, reformas e cemitérios, o beato chegou próximo do número estipulado.

Por outro lado, ao nos depararmos com as leituras de cronistas do século XIX e alguns poetas e cronistas do século XX, o número das suas edificações, incluindo reformas, extrapola, em muito, o total de vinte e cinco, estipulado pela voz popular, pois além das indicadas na obra de Calasans, essa pesquisa de mestrado aponta outras construções como pertencentes a lavra do beato de Quixeramobim.

Desde a sua primeira construção nas terras da Bahia (Igreja da Rainha dos Anjos) até a sua última edificação (Igreja do Bom Jesus do Belo Monte) o beato demonstrou habilidades e uma multiplicidade de tendências que iam do hibridismo popular, passando pelo Barroco tardio, Rococó, Neoclássico e Neogótico. Várias delas aprendidas a partir das observações e vivências com missionários e religiosos.

Muito de sua produção estética era advinda das influências franciscanas e capuchinhas, do repertório observado em algumas cidades do Ceará, das construções do frei italiano Apolônio de Todi e do Padre Ibiapina. Mesmo distante dos grandes centros, e enfrentando todo tipo de dificuldades, o profeta sertanejo não se deixou abater no concernente às construções religiosas. Mobilizou as massas camponesas para erigir e embelezar a casa do senhor, servindo-se para isso, das novidades estilísticas que surgiam nas cidades mais importantes da Bahia e do Sergipe.

Sendo assim, essa perspectiva contraria o pensamento de Euclides da Cunha que via essas construções de forma pejorativa. Na visão desse autor, as obras do Conselheiro eram repletas de elementos decorativos de péssimo gosto. Costumeiramente, afirmava que elas eram fruto da “engenharia rude dos sertanejos”.



Nessa perspectiva, essa foi a visão, que no decorrer dos tempos, se formou acerca desse patrimônio. Pois, além de representar o lado feio de um Brasil atrasado, como disse Euclides, muitos queriam se livrar dele para no lugar construir edifícios mais modernos e condizentes com as novas tendências.

Essas obras também sofreram todo tipo de agressão. Era preciso exterminar aquele acontecimento que manchou de sangue a história do Brasil, pois as igrejas do beato; as “meninas dos seus olhos”, se configuravam como elementos de destaque de toda aquela movimentação social, artística e religiosa que abalou o sertão, no final do século XIX.

Em Canudos, por exemplo, quando eclodiu a guerra, o alvo preferencial dos soldados eram as igrejas. Mais adiante, já no século XX, o governo mandou construir um grande açude que cobriu definitivamente a área do conflito fazendo adormecer, no fundo de suas águas, as ruínas das igrejas.

Muitas dos templos que sobreviveram até os nossos dias deve-se ao fato de estarem localizadas em cidades distantes do conflito, e que foram, no decorrer dos anos, ocultadas pelos moradores, por medo de represálias do governo republicano. O povo de Chorrochó temia, por exemplo, que forças do governo viessem arrasar o templo que o beato erigiu, o qual todos apreciavam.

Nesse sentido, esse trabalho consistiu em fazer um levantamento de cidades por onde o beato andou e edificou. Novas obras foram reconhecidas e evidenciadas como descobertas inéditas, tais como o cemitério de Chorrochó e a Capela de Ribeira do Amparo. Isso graças ao fato de se explorar quase toda a área do norte da Bahia por onde Conselheiro passou e edificou.

O tema ora pesquisado não se encerra por aqui, pois muitas outras obras possivelmente surgirão. É bem provável que em alguns povoados ou cidades não listadas, novas obras apareçam. Outras questões, também, poderão ser aprofundadas de forma mais minuciosa, certamente numa pesquisa de doutorado, onde inúmeras perguntas poderão ser levantadas tais como: principais artistas que trabalharam com o beato, organização do trabalho artístico, etc.

As várias interpretações que foram expedidas pela República acerca do movimento de Canudos encontram sua expressão simbólica na própria guerra, considerada uma guerra de extermínio. Com esse conflito, as interpretações eram geralmente impregnadas de

considerável carga de intolerância, agressividade e incompreensão. Até Euclides da Cunha, tomando partido dos vencidos não duvidou que a sorte de Canudos deveria ser o extermínio. Certamente ele, a classe letrada, e os dirigentes estavam empenhados na grande missão do país que por sua vez, assentava-se nos moldes europeus: ordem e progresso.

Passou-se, assim, o projeto do beato, à história do Brasil, de forma desacreditada. Precisava-se recorrer a uma mudança no pensar, instaurada pela derrocada de alguns mitos, para que se abrisse um caminho para interpretações, outras, que valorizassem o sentido estético vivenciado no seio daquela nação. Sendo assim, esse estudo buscou uma compreensão da obra do conselheiro pelo campo das artes visuais, da arquitetura e da religiosidade.

Nesse sentido, esse trabalho lança-se com o fim de revelar e divulgar a memória cultural daqueles que articularam e viveram o sonho da partilha, culminando com a edificação da terra da promessa: o Belo Monte, pois, desde a destruição do arraial e a morte de seu líder, as autoridades do Brasil vêm insistindo em apagar a sua história, cometendo, dessa forma, erros incorrigíveis.

Hoje, mais de um século decorrido, o Conselheiro figura no céu das referências populares em todo o país, de norte a sul, leste a oeste. O que doravante resta aos donos do poder é o incansável empenho em manipular a mensagem contundente que emana de Canudos e seu líder, num processo que já dura cerca de 115 anos, ao lado da persistência igualmente tenaz, por parte dos descendentes dos sertanejos e dos que com eles se comprometeram em preservar a história de maneira original enfrentando todo tipo de preconceito ainda existente.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, B. e ALEXANDRE, Isabel M. [Org. ] *Canudos: palavra de Deus, sonho na terra*. São Paulo, SENAC/Boitempo, 1997.

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1979.

ARAS, José. *Sangue de Irmãos*. Salvador: Museu de Bendengó, 1953.

\_\_\_\_\_. José. *Minha terra: história de Euclides da Cunha*. Feira de Santana: Tipologia folha do norte, 1960.

\_\_\_\_\_. *No sertão do Conselheiro*. Salvador: Contexto e arte editorial, 2003.

ÁVILA, Affonso [et.al.]. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997. (Coleção Stylus; 10).

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UNB, 1996.

AZEVEDO, Sílvia Maria. “*O Rei dos Jagunços de Manuel Benício*”: Entre a Ficção e a História. São Paulo: Edusp, 2003.

BARROS, Lutigarde O. C. *A terra da Mãe de Deus – Um estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. Ed. Mincil, 1998.

BARROSO, F. de Andrade. *Igrejas do Ceará*. Fortaleza: Premium, 2008.

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Iniciação às artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Papirus, 1990.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2.v.

BENÍCIO, Manoel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. [Edição fac-similar do Jornal do Comércio, 1899]. Brasília, Senado Federal, 1997.

BRÍGIDO, João. *Ceará - Homens e Factos*. Rio de Janeiro, Besnard, 1910.

BURY, Jonh. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. São Paulo: Nobel, 1991.

BOSCHI, Caio C. *O barroco mineiro: artes e trabalho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CALASANS, José. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Bahia: Tip. Beneditina, 1950.

\_\_\_\_\_. José. *O Estado-Maior de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Edições GRD, 2000.

\_\_\_\_\_. Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

\_\_\_\_\_. As igrejas de Canudos. In: *Cartografia de Canudos*. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1997.

CAMPOS, João da Silva. Tradições Baianas. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: n. 56, 1930.

CANÁRIO, Eldon. *Os mal-aventurados do Belo Monte*. Salvador: Editora ABC, 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. Euclides da. *Canudos: Diário de uma expedição*. São Paulo: Editora Martim Claret, 2003.

DANTAS, Mônica Duarte. *Fronteiras movediças: A comarca de Itapicuru e a formação do Arraial de Canudos*. São Paulo: Editora Hucitec e Fapesb, 2007.

DANTAS, Paulo. *Joana Imaginária*. São Paulo: Padan/Global, 1982.

DANTAS, Paulo. *Capitão Jagunço*. São Paulo: IBRASA, 1987.

D'ARAÚJO, Antônio Luiz. *Arte no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

DIAS, Clímaco. *Revista de Canudos* – Universidade do Estado da Bahia – CEEC, 1986. v. 1. nº 1 (jul./dez.) Salvador. UNEB. 1996

DÚCHER, Robert. *Características dos estilos*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1991.

FONTES, Oleone Coelho. *O treme-terra: Moreira César, a República e Canudos*. Prtrópolis: Vozes, 1996.

FONTES, Oleone Coelho. *No rastro das alpercatas do Conselheiro* (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos). Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2011.

FLEXOR, Maria H. O. Imagens de roca e de vestir. *Revista Ohun* – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA, Ano 2, nº 2, outubro 2005.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.

FRANÇA, Antônio de Queiroz e RINARÉ, Ruxinol do. *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*. Fortaleza: Editora Tupynanquim, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. De sertões e jagunços. In: *Saco de gatos*. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

\_\_\_\_\_. Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. Walnice Nogueira. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GAVAZZONI, Aluísio. *Breve história da arte e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Thex Ed. Biblioteca da Universidade Estácio de Sá, 1998. 188p.

GRAHAM, Robertb Cunninghame. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Editora Sá e Unesp, 2002.

HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Salvador: UFBA/EGBA, 1996. (Edição facsimilada)

HOORNAERT, Eduardo. *Os anjos de Canudos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil – colônia (1550 – 1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IPHAN. *Arquitetura religiosa*. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1987. (Textos escolhidos da revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; 6).

LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo: EDUSP, 1995.

LLOSA, Mario Vargas. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Afaguara, 2008.

LOPES, Esmeraldo. *Caminhos de Curaçá*. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2000.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACEDO, Nertan. *Antônio Conselheiro*. Rio de Janeiro, Record, 1978.

MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro, Renes/INL/Pró – memória, 2ª ed., 1983.

MACIEL, Antônio Vicente Mendes. Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens. In: *Breviário de Antônio Conselheiro*. Salvador: EDUFBA, 2002.

MACIEL, Antônio Vicente Mendes. Tempestades que se Levantam no Coração de Maria por Ocasião do Mistério da Anunciação - Sobre o Recebimento da Chave da Igreja de Santo Antonio, Padroeiro do Bello Monte. In: *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

MAESTRI, Mário e MACEDO, José. *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARCIANO, João Evangelista de Monte. *Relatório apresentado, em 1895, pelo reverendo Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia, sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no arraial dos Canudos*. Tipografia do Correio da Bahia, Salvador, 1895 (edição em fac-símile pelo Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987).



MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1998.

MASCARELLO, Sônia Mara P. R. *Arquitetura brasileira: elementos, materiais e técnicas construtivas*. Rio Pardo: Unisinos, 1983.

MATTOSO, Katia M. de Q. *Bahia século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteir, 1992.

MENEZES, Diatahy B. de. A dialética do rifle e do rosário – Apontamentos para uma releitura do cangaço nordestino, *In: SILVA, Severino Vicente da (org.). A Igreja e a questão agrária no nordeste*. Paulus, São Paulo, 1986, 115-151 (com ampla bibliografia).

MONIZ, Edmundo. *A guerra social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MONIZ, Eduardo. *Canudos: a luta pela terra*. São Paulo: Global, 2001.

MONTENEGRO, Abelardo F. Antonio Conselheiro. Fortaleza, A, Batista Fontenele, 1954.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *José Calasans e Canudos: a história reconstruída*. Salvador: EDUFBA. 2008.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

OLAVO, Antônio. *Memórias fotográficas de Canudos*. CNPQ, Salvador, 1989.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. *Da fé ao compromisso social: a atividade missionária do Padre Ibiapina*. Recife, PE: UNICAP, 2007.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. *Imagem do outro (e) ou imagem de si?* Salvador: Portfolium, 2001.

OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande*. Loyola, São Paulo, 1990.

PEDREIRA, Livia [et. al.]. *Dicionário da Construção*. Revista Arquitetura & Construção, São Paulo/SP, Ano 12, nº 5, [s.d.].

PEDREIRA, Pedro Tomás e ROCHA, Rubens. *O Monte Santo de Frei Apolônio*. Bahia, Emtur, 1983.

PIEDADE, Lélis. *Histórico e relatório do Comitê Pariótico da Bahia*. Salvador: Portfolium, 2002.

PINHEIRO, José Carlos da Costa. *Ano de 1896, término das obras da capela de Santo Antônio de Belo Monte*. Salvador: Portfolium, 2007.

PONTUAL, Roberto [et. al.]. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

PRIORE, Mary Lucy Murray del. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção História em Movimento).

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Liv. Clássica de Alves e Cia., 1879.

SARA, Jota. *História da Guerra de Canudos*. Euclides da Cunha: s/ed., 1963.

SMITH, Robert Chester. O caráter da arquitetura colonial do nordeste. In: *Revista Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, nº 10, 1940. (Documento transcrito por Fernando Porto, Aracaju - Sergipe, arquivo de obras sergipanas do Instituto Histórico Geográfico de Sergipe).

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. *Misticismos, mares e sertões*. Tucano: s/ed., 2009.

TAVARES, Odorico. *Canudos – Cinquenta anos depois (1947)*. Salvador: CEC, ALB, FCEB, 1993.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Canudos de volta. *Veja*. São Paulo, n.6, p.96-97, set. 1999.

TRIADÓ, Juan-Ramon. *Saber ver a arte barroca*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Centro de Estudos Euclides da Cunha.

*Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos*.

Salvador: UNEB, 2002.

VAINFAS, Ronaldo (dir.) [et. al.]. *Dicionário do Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

ZANINI, Walter (org.) [et. al.]. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walthier Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983. v.1.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CANUDOS, Guerra de. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Sérgio Rezende. Intérpretes: José Wilker, Cláudia Abreu, Paulo Betti, Marieta Severo, José de Abreu, Tuca Andrada, Selton Melo e outros. Roteiro: Paulo Halem e Sergio Rezende. Música: Edu Lobo, Gereba e outros. Brasil, 1997. 1DVD (170 min). Produzido pela Sony Pictures.

CORRÊA, Sydney. *Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil*. Salvador, 1960. Disponível em [www.oohodahistoria.ufba.br/03moura.html](http://www.oohodahistoria.ufba.br/03moura.html), acesso em 10 de maio de 2010.

LOBO, Edu e CACASO. *Camalão*. [S.I.]: Philips Brasil, p.1978. 1 CD.

REIS, Cláudio de Britto. *Esboço de Projeto de Lei Estadual*: Dispõe sobre plebiscito, a fim de se retificar o toponimo Ribeira do Pombal para Marquês de Pombal. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeira\\_do\\_Amparo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeira_do_Amparo)>, acesso em 10 de maio de 2010.

## FONTES PRIMÁRIAS

Aracaju. Biblioteca Pública Epiphaneo Dorea. *Rabudo*. Estância: Sergipe, nº 7, 22 de novembro de 1874, p. 01.[Pacotilha nº42].

(Arquivo do Arcebispado. Quixeramobim. Casamentos Liv. 4 p.53 / Apud Ismael Pordeus in "O Nordeste", 26.09.1949. / Arquivo de José Calasans/Núcleo do Sertão, UFBA)

MARTINS, Cícero Dantas (barão de Jeremoabo). Antônio Conselheiro. *Jornal de Notícias*, Bahia, 4 e 5 de março de 1897.

Salvador. Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. *Carta* (manuscrito). Brejo Grande, 10 de maio de 1893 – Pasta 38 – cx 5. 405.